

CAPÍTULO 1

O Carteiro Traz Uma Má Notícia

A carteira Eva Kluge sobe lentamente as escadas do n.º 55 da Jablonskistraße. Lentamente, não só porque a sua volta a cansa muito, mas também porque na bolsa tem uma daquelas cartas que detesta distribuir e, dois lanços mais acima, terá de a entregar em casa dos Quangel. A mulher espera-a de certeza, há mais de duas semanas que espera a carteira para saber se não tem nada da frente para ela.

Mas a carteira Kluge, antes de entregar a carta datilografada do correio militar, deve distribuir aos Persicke, no primeiro andar, o *Völkischen Beobachter*. Persicke é quadro administrativo, ou dirigente político, ou outra coisa que o valha no Partido, mas Eva Kluge, que também é do Partido desde que trabalha nos correios, ainda confunde todos esses funcionários. Seja como for, em casa dos Persicke, há que saudar com «Heil Hitler!» e ter cuidado com o que se diz. Aliás, é o que se tem de fazer em todo o lado, não são assim tantas as pessoas com quem Eva Kluge pode dizer o que realmente pensa. A política não lhe interessa absolutamente nada, ela é simplesmente uma mulher, e como mulher acha que não se traz filhos ao mundo para depois eles serem mortos a tiros de espingarda. E também que um lar sem marido não vale nada, e neste momento ela já não tem nada: nem os dois rapazes, nem o marido, nem o lar. E assim tem de calar a boca, ser muito prudente e entregar cartas horríveis do correio militar que não são escritas à mão, mas à máquina, e cujo remetente é um sargento-mor.

Toca à campanha dos Persicke, diz: — Heil Hitler! — e dá ao velho bêbado o seu *Völkischen*. Ele tem na lapela o emblema do Partido e a bandeira nacional (ela esquece-se sempre de pôr o emblema do Partido) e pergunta: — Nob'dades?

Ela responde com cautela: — Eu não sei. Creio que a França capitulou. — E acrescenta rapidamente: — Sabe se está alguém em casa dos Quangel?

Persicke não presta nenhuma atenção à pergunta. Rasga a cinta do jornal: — Está aqui, está: A França capitulou. Ó m'nina, e você está-ma d'zer essa coisa como se bendesse pãezinhos bijus! Com maisinergia! Debe anunciar a toda a gente que encontra, conbencer os últimos mal-dzentes! A segunda Blitzkrieg já está no papo, e agora... zâspazcatrapás... banha a Inglaterra! Os Tommies acabamos com eles e depois quero ber o que o nosso Führer tem para nos dar! Então bão ser os outros a sangrar e nós a mandar! Anda, rapariga, bebe aqui um copo ca gente! Amalie, Erna, August, Adolf, Baldur, banham cá todos! Hoje fazemos friado, ninguém trabalha! Hoje mulhamos o bico, ca França capitulou. E logo à tarde a modos que fazemos uma besitinha àquela gaja, a judia do quarto andar, e a cabra tem de nos serbir café e bolos! Sou eu que bos digo, a belha não pode dizer que não, agora que a França está de rastos não bai haber piedade! Agora somos nós que mandamos e todos têm de sajuilhar à nossa frente!

Enquanto Herr Persicke, rodeado pela família, se expande em declarações cada vez mais inflamadas e a aguardente começa a escorrer pelas goelas abaixo, a carteira subiu já o lanço de escadas para o segundo andar e tocou à campainha dos Quangel. Tem já a carta na mão, está pronta a continuar a sua volta logo que a entregue. E tem sorte, quem vem à porta não é a mulher, com quem troca quase sempre algumas palavras simpáticas, mas o marido, com o seu rosto duro, um perfil de pássaro de lábios finos e olhos frios. Ele pega na carta da mão dela sem uma palavra e fecha-lhe a porta na cara como se ela fosse uma ladra de quem se deve desconfiar.

Não obstante, Eva Kluge limita-se a encolher os ombros e volta-se para descer as escadas. Há pessoas assim; desde que distribui o correio na Jablonskistraße, nunca aquele homem lhe dirigiu uma palavra, lhe deu um «Heil Hitler» ou um «bom dia» que fosse, embora, ela sabe, também tenha um posto na Arbeitsfront*. Ora, deixa lá isso, não pode mudá-lo, quando nem sequer conseguiu mudar o seu, que esbanja o dinheiro nas tabernas e nas corridas de cavalos e só vem a casa quando se lhe acaba o dinheiro.

Os Persicke, com a excitação, deixaram a porta aberta, do apartamento chegam o tinir dos copos e os gritos de *Siegheil!*¹ A carteira fe-

1 À letra, «Viva a Vitória». (N. T.)

cha a porta devagarinho e continua a descer. Pensa que no fundo é uma boa notícia pois, com a rápida vitória sobre a França, talvez a paz esteja mais próxima. E então os seus dois rapazes voltarão para casa e poderá dar-lhes novamente um lar.

Mas a inquietante sensação de que então mandarão pessoas como os Persicke vem perturbar essas esperanças. Pessoas como eles a mandar e ter de se manter sempre a boca fechada sem nunca se poder dizer o que nos vai no coração também não lhe parece justo.

Fugazmente, pensa também no homem com cara de ave de rapina a quem entregou a carta do correio militar e que certamente também subirá de posto no Partido, e pensa na velha judia, a Rosenthal, lá em cima no quarto andar, cujo marido a Gestapo levou vai para duas semanas. Mete dó, coitada da mulher. Dantes, os Rosenthal tinham uma loja de atalhados na Prenzlauer Allee. Depois «arianizaram-lhes» a loja e agora vieram buscar o marido, que não deve andar longe dos setenta. Os coitados dos velhos nunca fizeram mal a ninguém, antes pelo contrário, vendiam a crédito, a prestações, como lhe fizeram a ela, Eva Kluge, quando não havia dinheiro para a roupa interior dos miúdos, e a roupa deles não era seguramente pior nem mais cara do que noutras lojas. Não, não entra na cabeça de Frau Eva Kluge que um homem como o Rosenthal possa ser pior que os Persicke só por ser judeu. E agora a velha senhora passa os dias sozinha, fechada em casa, sem sair à rua. Só sai quando já está escuro, com a estrela dos judeus, para fazer as compras, o mais certo é passar fome. Não, pensa Eva Kluge, mesmo que vençamos a França dez vezes, não se pode dizer que haja justiça neste país...

E assim chegou ao prédio seguinte e distribuiu o correio do dia.

Entretanto, o contramestre Otto Quangel entrou na sala de estar com a carta e pousou-a na máquina de costura. Disse apenas: — Toma! — Deixa sempre à mulher o privilégio de abrir a carta, pois sabe como ela está ligada ao filho único de ambos, Otto. Agora está de frente para ela, a morder o lábio fino, e espera que o rosto dela se ilumine de alegria. À sua maneira taciturna, silenciosa, rude, ama muito esta mulher.

Ela rasgou o envelope, por um momento o seu rosto iluminou-se realmente, depois apagou-se quando viu que a carta estava escrita à máquina. O seu rosto tornou-se apreensivo, lia lentamente, cada vez mais lentamente, com medo a cada nova palavra. O homem inclinou-se para a frente e tirou as mãos dos bolsos. Agora morde o lábio com força, pressente uma desgraça. Na sala de estar o silêncio é total. Então a mulher começa a arfar...